



## **VIOLÊNCIA: MARCADOR DA RELAÇÃO TREINADOR E ATLETA NO FUTSAL DE MULHERES<sup>1</sup>**

***Eixo Temático 51 - VIOLÊNCIAS DE GÊNERO, SEXUALIDADE E SEUS ATRAVESSAMENTOS NO ESPORTE, NO LAZER E NOS COTIDIANOS DA ESCOLA.***

Bárbara Aparecida Bepler Pires <sup>2</sup>  
Ludmila Nunes Mourão <sup>3</sup>

### **RESUMO**

Ideais patriarcais e estereótipos de gênero legitimaram as exclusões de mulheres no futsal. Este estudo objetificou identificar se mulheres atletas experienciaram violências protagonizadas por treinadores/as ao longo de sua trajetória esportiva no futsal. Foram ouvidas seis mulheres de Juiz de Fora/MG. Os resultados mostraram que todas as participantes sofreram ou testemunharam algum tipo de violência no futsal. Observou-se a naturalização de situações de assédio moral e a falta de letramento em “violências do esporte” por elas.

**Palavras-chave:** Violências de Gênero, Violências no esporte, Futsal, Treinadores/as, Mulheres atletas.

### **INTRODUÇÃO**

O futebol que vive nos lares brasileiros desembarcou no país no final do século XIX e se consolidou como elemento essencial na construção da identidade nacional. O Brasil que vivia o Estado Novo, cujo projeto eugenista, militarista e higienista preconizava a maternidade como uma tarefa fundamental da mulher (Louro, 1997) e a concepção hegemônica de feminilidade branca estava atrelada a delicadeza, graciosidade, fertilidade e leveza (Goellner, 1999). Considerando que a “[...] força,

<sup>1</sup> Este trabalho contou com o apoio da CAPES para sua realização e é um recorte da dissertação de Pires (2024).

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação Física na Universidade Federal de Juiz de Fora, [barbarabepler@gmail.com](mailto:barbarabepler@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora Doutora do curso e da Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, [mouraoln@gmail.com](mailto:mouraoln@gmail.com);



virilidade, agressividade e coragem, são características valorizadas no jogo de futebol e futsal e, para além disso, esses atributos são tidos como prerrogativa do masculino” (Pires et. al., 2019, p. 123), o cognome “país do futebol” não diz respeito a elas.

Coniventes a visões preconceituosas impregnadas na sociedade, o governo brasileiro outorgou o Decreto-Lei nº 3.199 de 1941, que criava o Conselho Nacional dos Desportos (CND) e proibia a prática de desportos considerados incompatíveis com a natureza da mulher. Contudo, apesar dos entraves sociais e legais, elas continuaram jogando bola durante os quase 40 anos que o Decreto vigorou. O futebol de salão, ou futsal, se tornou um subterfúgio aos inúmeros impedimentos impostos a elas à prática do jogo com a bola nos pés.

Se caracterizando como um dos esportes mais praticados no país, o futsal está presente nas quadras de bairros, clubes, escolas e universidades. Isto posto, não podemos desconsiderar que as mulheres ainda sofrem consequências dos ideais patriarcais impregnados na sociedade. Elas experimentaram (e vivenciam) manifestações violentas como o cerceamento de direitos à prática da modalidade; aos comentários racistas, sexistas e homofóbicos; a objetificação e sexualização dos seus corpos; e a complexidade de lutar pelo protagonismo em um esporte que segue sendo feito pelo homem e para o homem.

## **VIOLÊNCIAS DE GÊNERO NO ESPORTE**

A sociedade patriarcal é baseada nas normas da masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013) e no universo do futsal essas normas são sustentadas por questões hierárquicas que considera o treinador<sup>4</sup> em uma posição de poder se comparada ao de suas atletas.

Segundo Guiramand (2017, p. 8), a aproximação entre treinadores e atletas cria uma conexão complexa com “[...] um forte vínculo, permeado por um misto de sentimentos que oscilam entre o afeto, a raiva, a admiração, a confiança e até mesmo a decepção”. Desta forma, os laços entre treinadores e atletas se transformam em relações de poder (Foucault, 2022) que, mesmo com a possibilidade de mobilidade, a atleta é o

---

<sup>4</sup> Há predomínio dos homens na função principal do treinamento na pesquisa que realizamos em 2018 e em 2024 (Pires, 2018; 2024), sendo assim, utilizaremos apenas “treinador” no decorrer do trabalho.



lado mais frágil. A partir desse cenário, as atletas estão suscetíveis a situações de violências (Stirling; Kerr, 2009).

A partir de estudos na literatura sobre o futsal e futebol de mulheres, verifica-se que não há satisfatórias produções acadêmicas que tematizem as violências protagonizadas por treinadores contra atletas no meio esportivo. Concomitantemente, as recorrentes situações de denúncias (Alves, 2024) por parte das atletas chamam a atenção para um problema ainda pouco estudado, divulgado e notificado.

## PROCESSOS METODOLÓGICOS

Este estudo se caracteriza como qualitativo e descritivo (Triviños, 1987). A entrevista semiestruturada foi a técnica escolhida para obtenção dos dados. O bloco IV do roteiro e o documento de apoio (entregue a elas antes da entrevista) foi baseada em documentos oficiais do Comitê Olímpico Brasileiro<sup>5</sup>.

Seis mulheres atletas de futsal da cidade de Juiz de Fora/Minas Gerais foram entrevistadas<sup>6</sup>, tendo suas identidades preservadas (sendo referenciadas por A1 a A6). As entrevistas foram transcritas e analisadas a partir da Análise de Conteúdo Temática (Minayo, 2012).

## ANÁLISES E DISCUSSÕES

As participantes da pesquisa se autodeclararam mulheres e todos os episódios violentos narrados por elas foram protagonizados por treinadores homens. Neste sentido, consideramos que sob influências do patriarcado (Louro, 1990) e das relações de poder, todas as violências sofridas por elas também são violências de gênero visto que, de acordo com Paim (2006, p. 63), ela “é o resultado das relações desiguais e injustas entre homens e mulheres, na nossa sociedade, fruto da dominação e da

<sup>5</sup> A saber: (1) Política de prevenção e enfrentamento ao assédio moral e sexual e ao abuso sexual; (2) Caderno de estudos de casos, com sugestão de ações de enfrentamento e acolhimento; (3) Folder dos cursos: “Abuso e Assédio – Fora de Jogo” e “Protegendo o esporte contra o assédio e o abuso”, ambos do Instituto Olímpico Brasileiro (IOC).

<sup>6</sup> O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 60579622.1.0000.5147, de acordo com a Resolução 466/12.



opressão, onde se delega aos homens, o papel de forte, dominador, superior, e às mulheres, o papel de submissa, frágil, inferior”.

Nem uma das participantes relataram que sofreram abusos ou assédios sexuais de seus treinadores em suas jornadas esportivas. Entretanto, com exceção de A2, as demais participantes sofreram ao menos uma das violências descritas pelo documento de apoio.

É importante destacarmos que nem todas perceberam algumas das violências que sofreram e consideramos que essa falta de letramento (Cazden et. al., 2021) em violências do esporte, ou seja, o não reconhecimento de alguns tipos de violências pode acontecer por dois motivos: falta de conhecimento das definições e a naturalização de algumas dessas violências.

O assédio moral foi a violência mais presente nos discursos, e, por diversas vezes, elas a normalizam, considerando que isso é inerente ao esporte ou aos ambientes competitivos principalmente nos momentos de cobrança por resultados. Esse tipo de assédio é caracterizado “pela exposição de pessoas a situações humilhantes e constrangedoras, geralmente de forma repetitiva e prolongada, que ofendem a dignidade ou integridade psíquica” (Brasil, 2018, p. 8) e “ofender, xingar ou ameaçar atletas para que melhorem o seu desempenho no esporte” (p. 13).

A6 diz que já foi xingada por um treinador: *“Ele gritava, ele xingava, ainda mais quando assim, sentia na obrigação de ganhar, então a cobrança dele era pesada, sabe?”* (A6). Abreu (2022) afirma que as agressões verbais, como exemplificadas pelas atletas por meio dos xingamentos, podem ser naturalizadas e incentivadas na nossa sociedade a partir dos seus incutidos valores machistas e da normalização da violência.

A atleta A4 desabafa dizendo que:

*“Muitas das vezes quando a pessoa meio que gritava, assim, ou eu tomava um esporro digamos assim, eu não me sentia confortável, e aí eu meio que não conseguia jogar, eu meio que sumia, assim, eu meio que tinha medo de tentar alguma coisa e errar. [...] (A4)*

Este depoimento também se encaixa em situações de violência psicológica que, diferentemente do assédio moral, pode acontecer apenas uma vez. Ela pode ser entendida como “humilhações, ameaças, xingamentos, chantagens, insultos,



controle e comportamentos que diminuem, isolam e constrangem alguém” (Brasil; Brasileiro, 2021b) e como “uma conduta que causa dano emocional e diminuição da autoestima ou prejudica e perturba o pleno desenvolvimento” (Comitê Olímpico do Brasil, 2018).

A negligência é definida por “[...] qualquer pessoa com o dever de cuidado para com outrem e que em função de referida omissão permite que algum dano seja causado ou propicia um perigo de dano iminente” (Comitê Olímpico do Brasil, 2018) e a A3 discorre sobre como o treinador foi negligente quando ela se lesionou em uma competição:

*“Eu jogava de pivô, e aí fui disputar uma bola com a menina, e a menina pisou no meu tornozelo e eu virei o meu tornozelo. É... Naquela hora eu pedi para sair, não tinha a menor condição e ele disse ‘não, você vai continuar jogando’. [...]” (A3)*

No relatório “Census of athlete rights experiences (CARE)” (Rhind, et. al, 2021), 20% dos/as participantes disseram ter sido obrigados/as a competir mesmo estando lesionados/as e, além de uma negligência, isso também pode ser considerado uma violência física pois se caracteriza como “qualquer ato que coloque em risco a integridade física ou a saúde da vítima, [...] qualquer forma de ferir, atividades físicas forçadas ou impostas” (Brasil; Brasileiro, 2021a).

A falta de letramento em violência do esporte pode impactar as percepções das atletas acerca das violências experienciadas por elas e as complexas teias de poder (Foucault, 2022) imbricadas na relação entre treinadores e atletas. Além disso, algumas dessas violências podem ser cíclicas, ou seja, podem combinar atitudes mais “tranquilas” e posteriormente “mais pesadas”, dificultando ainda mais a percepção por parte das atletas.

Dentro da esfera esportiva do futsal ainda protagonizada principalmente por homens, há uma subcultura que “justifica” comportamentos desviantes (Becker, 2018), ou seja, comportamentos violentos tais como gritos, cobranças excessivas, xingamentos, punições físicas entre outras violências destacadas pelas atletas e congruentes com a literatura. E, por muitos momentos, essas atitudes são mascaradas pela incessante busca



por uma vitória a qualquer custo; pelos valores estritamente hierárquicos que não reconhecem as atletas como protagonistas e não as permitem expressar suas opiniões e sentimentos; e pelo patriarcalismo que segue regendo as relações de poder que se estabelecem entre treinadores/as e atletas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações interpessoais entre treinadores e atletas no futsal de mulheres é construída em meio a complexidades sociais que giram em torno de uma cultura esportiva pautada no patriarcalismo, que se estabelecem perante as inerentes relações de poder. Em um ambiente que a máxima que segue pairando é “o que acontece no vestiário, fica no vestiário”, reafirmamos que as violências não podem ser normalizadas, justificadas e/ou ocuparem qualquer lugar. Urge então a necessidade de tipificar, exemplificar, elucidar e demonstrar que essas situações violentas, por mais que possam ser silenciadas e/ou subnotificadas, estão presentes nos discursos das atletas.

Ademais, treinadores podem contribuir para a extinção desse comportamento, já que: “[...] está em uma boa posição para ensinar a prevenção e promover a eliminação da violência no esporte, dada sua relação especial com atletas e a confiança que eles depositam nele.” (Fournier; Parent; Paradis, 2021, p. 14, tradução nossa).

Portanto, demarcamos nossa posição de luta contra qualquer tipo de prática violenta no esporte e atentamos à comunidade acadêmica para que se investigue a temática; almejando atingir às entidades esportivas para que se desenvolva mais mecanismos de proteção e prevenção, além de canais de ouvidoria especializada para denúncias; e, principalmente, esperamos que o texto possa ser subsídio para fomentar as discussões com treinadores/as de futsal do Brasil sobre a importância de se preparar, preocupar e estudar a temática.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Rosa Lúcia Costa de. Agressão verbal é crime: saiba como identificar e combater! 15, mar 2022. **Monteiro e Abreu - Sociedade de advogados**. Disponível em: <<https://monteiroeabreu.com.br/agressao-verbal-e-crime-saiba-como-identificar-e-combater/>>. Acesso em: 22 nov., 2023.





ALVES, Camila. "Meu técnico tentou me beijar": levantamento inédito revela casos de assédio no futebol feminino. **GE Globo**. 2024. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/2024/03/19/meu-tecnico-tentou-me-beijar-levantamento-inedito-revela-casos-de-assedio-no-futebol-feminino.ghtml>>. Acesso em: 24 abril 2025.

BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL, Comitê Olímpico do; BRASILEIRO, Instituto Olímpico. **Abuso e Assédio Fora de Jogo**. 2021a.

BRASIL, Comitê Olímpico do; BRASILEIRO, Instituto Olímpico. **Protegendo o esporte contra o assédio e o abuso**. 2021b.

BRASIL. Ministério Público do Trabalho. **Guia de orientação sobre assédio moral e sexual nos esportes**. 2018.

CAZDEN, Courtney; COPE, Bill; FAIRCLOUGH, Normal; GEE, James; KALANTZIS, Mary; KREES, Gunther; LUKE, Allan. Glossário. In: RIBEIRO, Ana Elisa; CORRÊA, Hércules Toledo. (org.). **Uma pedagogia dos multiletramentos**. Desenhando futuros sociais. 1. ed. Belo Horizonte: LED, 2021. (1, v. 1), p. 67 – 136.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Política de prevenção e enfrentamento ao assédio moral e sexual e ao abuso sexual no âmbito do Comitê Olímpico do Brasil**. Política Corporativa, Rio de Janeiro, p. 1 – 9, 2018.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica**: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, v.21, n.1, p. 241-282, jan./abr. 2013

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: A vontade de saber.: Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 14. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022. ISBN 978-85-7753-450-0.

FOURNIER, Carolane; PARENT, Sylvie; PARADIS, Hélène. The relationship between psychological violence by coaches and conformity of young athletes to the sport ethic norms. **European Journal for Sport and Society**, v. 15, n. 2, p. 1 – 19, Fev 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: Imagens da mulher na Revista Educação Physica. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Campinas. Campinas: 1999.

GUIRAMAND, Michelle. **Treinador e atleta**: significados de uma relação na aprendizagem e desempenho esportivo de alto rendimento à luz da teoria de Buber.



2017. 215 p. Tese (Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

INSTITUTO OLÍMPICO BRASILEIRO. **Caderno de estudos de casos, com sugestão de ações de enfrentamento e acolhimento.** [S.l.], 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Lembranças de velhas colunas italianas: trabalho, família e educação. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; LOURO, Guacira Lopes (Orgs.). **Educação & Realidade.** v. 16, n. 2, p. 33-44. jul/dez, 1990

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MINAYO, Maria Cristina de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva,** v. 17, n. 3, p. 621 – 626, jan 2012.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. **Violência contra a mulher no esporte sob a perspectiva de gênero.** Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

PIRES, Bárbara Aparecida Bepler; NOVAIS; Mariana Cristina Borges; TORGA, Monique; MOURÃO, Ludmila Nunes. Sou mulher e jogo bola: questões sobre femininidades e sexualidades de atletas de futsal. **Arquivos em Movimento,** Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 114 – 128, Jan-Jul 2019.

PIRES, Bárbara Aparecida Bepler. **As relações entre treinadores/as e atletas no futsal de mulheres.** 2024. 247 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2024.

RHIND, Daniel J.; MUSSON, Hayley; FLORENCE, Andrea; GILPIN, Pamela; ALFORD, Gigi. **Census of athlete rights experiences.** 11 may, 2021. Nyon: World Players Association; Uni Global Union, 2021.

STIRLING, Ashley E.; KERR, Gretchen A. Abused athletes' perceptions of the coach-athlete relationship. **Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics.** Londres, Inglaterra, v. 12, n. 2, p.227-239, mar. 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.